

## **CONVITE À AUTONOMIA DA RAZÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A IDENTIDADE DOCENTE DO PROFESSOR DE FILOSOFIA**

Williams Nunes da Cunha Junior<sup>1</sup>

### **RESUMO**

A recolocação do ensino de filosofia nas escolas públicas de ensino médio nos leva a questionar sobre a identidade do professor de filosofia desta etapa específica. Quase dez anos depois da lei 11.684/2008, perguntamo-nos quem é o docente de filosofia, o que ele deve ter/fazer, qual sua especificidade enquanto tal. O presente artigo, objetiva discutir como deve proceder e quais características não deve faltar aquele que abraça a tarefa de ensinar Filosofia. Por meio de uma revisão de literatura já existente sobre o ensino de Filosofia, através da leitura bibliográfica de GALLO e ASPIS (2009), GHEDIN (2009), KOHAN (2008), dentre outros, percebemos que um dos elementos dessa identidade se dá na concepção do professor de filosofia como um filósofo. Sendo assim, urge-nos superar esta dicotomia que parece separar o filosofar do ensino de filosofia, como se o professor fosse um mero reprodutor de conhecimentos filosóficos, posição esta contestada pelos autores que aqui abordamos. O docente de filosofia é aquele que convida ao pensamento crítico e autônomo, rejeitando, portanto, essa reprodução de teorias filosóficas. Ademais, cabe salientar que refletir sobre este ensino é um problema filosófico, o que o torna uma tarefa primordial do professor de filosofia/filósofo. Há muitas lacunas ainda que precisam ser sanadas e é refletindo constantemente sobre essa prática que podemos descortinar novos horizontes para um autêntico ensino de Filosofia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino; Filosofia; Identidade.

## **INVITACIÓN A LA AUTONOMÍA DE LA RAZÓN: CONSIDERACIONES SOBRE LA IDENTIDAD DOCENTE DEL PROFESOR DE FILOSOFÍA**

### **RESUMEN**

El presente artículo, objetiva discutir cómo debe proceder y qué características no debe faltar aquel que abraza la tarea de enseñar Filosofía. Por medio de una revisión de literatura ya existente sobre la enseñanza de Filosofía, a través de la lectura bibliográfica de GALLO y ASPIS (2009), GHEDIN (2009), KOHAN (2008), entre otros, percibimos que uno de los elementos de esa identidad se da en la concepción del profesor de filosofía como un filósofo. Siendo así, nos urge superar esta dicotomía que parece separar el filosofar de la enseñanza de filosofía, como si el profesor fuera un mero reprodutor de conocimientos filosóficos, posición esta contestada por los autores que aquí abordamos. El docente de filosofía es aquel que invita al pensamiento crítico y autónomo, rechazando, por lo tanto, esa reproducción de teorías filosóficas. Además, cabe resaltar que reflexionar sobre esta enseñanza es un problema filosófico, lo que lo convierte en una tarea primordial del profesor de filosofía / filósofo. Hay

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação (PPGE/ UFAL). Membro do grupo de pesquisa: Filosofia e Educação e Ensino de Filosofia. Especialista em Ensino de Filosofia (UCAM/RJ). Licenciado em Filosofia (CEUCLAR/SP). Professor de Filosofia (SEDUC/AL). Email: [williamsjr\\_cmf@hotmail.com](mailto:williamsjr_cmf@hotmail.com).

muchas lagunas aún que necesitan ser sanadas y es reflejando constantemente sobre esa práctica que podemos descortinar nuevos horizontes para una auténtica enseñanza de Filosofía.

**PALABRAS-CLAVE:** Enseñanza; Filosofía; Identidad.

Quase dez anos se passaram desde a aprovação da lei que reafirmou a obrigatoriedade do ensino de Filosofia na etapa de educação básica conhecida como Ensino Médio. Dentre os demais profissionais que lecionam nesta etapa, perguntam-nos: quem é o docente de Filosofia? O que ele deve ter/fazer? Qual a sua especificidade enquanto tal?

Nosso trabalho tem por objetivo discutir como deve proceder e quais características não deve faltar aquele que abraça a tarefa de ensinar Filosofia para adolescentes e jovens desta etapa de formação. Vivemos tempos de obscurantismo na educação brasileira. Por todos os lados nos deparamos com investidas conservadoras de cerceamento do trabalho docente, uma tentativa de moldar uma identidade para o professor.

O ensino de Filosofia, apesar de sua garantia jurídica, constantemente se vê ameaçado por todos os lados, com propostas de retirada de sua obrigatoriedade, ou até mesmo de sua eliminação completa do currículo do Ensino Médio. Diante desse cenário, como não pensar na identidade do professor de Filosofia? Acreditamos ser esta uma questão filosófica também, afinal, não é próprio da Filosofia sondar o sentido das coisas? Não é próprio desta atividade do pensamento dissecar os conceitos?

Num primeiro momento, ao tratarmos do conceito de identidade, buscamos auxílio na Psicologia Social de Ciampa (1984), o qual entende a identidade como algo em constante transformação, tendo esta, portanto, um caráter dinâmico. Por isso mesmo, não entendemos identidade aqui sob uma perspectiva idealista, essencialista, e portanto, permanente, estática. Não há uma identidade dada, mas que se constrói, tendo a historicidade como um de seus componentes necessários.

Na sequência, fazemos uma referência a dois pensadores emblemáticos em nosso trabalho e que podem ter muito a nos dizer quando falamos de identidade do professor. O título do nosso trabalho nos remete a um convite, nos lembrando aqui a imagem de Sócrates, como aquele que convida seus interlocutores a atividade do pensamento junto com ele; de outro lado, esse convite é à autonomia da razão, o que nos remete a Kant, com o conceito de esclarecimento. Acreditamos que tanto em um quanto em outro encontramos atitudes que poderíamos esperar daquele que se propõe a tarefa de ensinar filosofia.

Por fim, apresentamos alguns elementos que acreditamos necessários para aquele que se propõe a docência em Filosofia. A partir da leitura bibliográfica de diversos autores especialista no Ensino de Filosofia, selecionamos algumas atitudes identitárias do professor de filosofia. Uma destas e talvez a mais complexa e problemática seja a do professor-filósofo. Os que saem dos cursos de licenciatura são filósofos, afinal? Ou temos nestes apenas professores de filosofia? É possível pensar um professor de Filosofia que não seja também filósofo?

É importante salientar que as atitudes que aqui apresentamos pretendem nos dispor ao diálogo sobre esta questão que acreditamos ser importante para aqueles que são e aqueles que se põe no caminho da docência em Filosofia. Sendo assim, não tratamos aqui de atitudes fechadas, nem tampouco imperativos para serem rigidamente seguidos, mas sim, abrimos caminhos para pensar quem é o professor de filosofia.

### **1. Pensando o conceito de identidade**

Permitir-nos a dissecação do conceito de identidade parece-nos – e não menos a outros pensadores que se deparam com esta categoria – uma tarefa assaz complexa. Uma das dificuldades, poderíamos encontrar na própria tradição filosófica, por exemplo ao propor a questão: a identidade é algo dado, imutável, rígido, acabado?

Se adotarmos como norte de reflexão a concepção essencialista de homem, poderíamos aceitar que somos o que somos, sem possibilidades de ressignificação. O homem já está dado. Nosso problema seria então resolvido quando encontrássemos aquilo que acreditamos como o “ser” do professor de filosofia.

Por outro lado, se adotarmos uma concepção antropológica existencialista, teremos que reorientar o nosso olhar e perceber que não há homem dado, mas um projeto, um humano que se constrói a partir de suas vivências, de seus contextos, de sua historicidade. Não há, pois, uma identidade fixa, pronta e acabada. É, portanto, sob esta ótica que iremos nos permitir pensar.

Segundo Marcelo (2009, p. 112), “É preciso entender o conceito de identidade docente como uma realidade que evolui e se desenvolve, tanto pessoal como coletivamente. A identidade não é algo que se possui, mas sim algo que se desenvolve durante a vida.”. O que nos leva a considerar a importância da historicidade, a pensar o social do homem, quando falamos em identidade.

De igual modo, Proença e Teno (2011, p. 135), pensam identidade como movimento, como uma questão social e política. Se pensarmos em identidade em sua relação com a história, precisamos entender que as categorias que abordamos como necessárias ao docente de filosofia são aquelas deste momento, podendo ser estas diferentes daquelas de outrora, como poderão ser outras em tempos vindos.

Nesta mesma linha de pensamento, Faria e Souza (2011) entendem o pensamento de Antônio Carlos Ciampa em sua *Psicologia Social*, ao tratar sobre o conceito de identidade. Assim afirmam eles:

Ciampa (1987) entende identidade como metamorfose, ou seja, em constante transformação, sendo o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos. A identidade tem caráter dinâmico e seu movimento pressupõe uma personagem (FARIA; SOUZA, 2011, p. 36).

Corroborando ainda com nosso pensamento o que Baumam (2005) entende por identidade, mais uma vez nos apresentado pela colaboração de Faria e Souza (2011). Segundo eles, assim pensa o filósofo e sociólogo sobre a questão:

Identidade se revela como invenção e não descoberta; é um esforço, um objetivo, uma construção. É algo inconcluso, precário, e essa verdade sobre a identidade está cada vez mais nítida, pois os mecanismos que a ocultavam perderam o interesse em fazê-lo, visto que, atualmente, interessa construir identidades individuais, e não coletivas (FARIA; SOUZA, 2011, p. 37).

Portanto, acreditamos está bem colocada a concepção que adotamos em nosso trabalho sobre identidade, a partir dos teóricos acima elencados. Todavia, acreditamos ser possível ainda fazer mais um recorte. Ora, ao tratarmos de identidade, poderíamos falar sobre identidades, no plural, uma vez que o indivíduo parece, em sua existência, utilizar-se de identidades. Assim, sendo, cabe-nos destacar que tratamos aqui da identidade profissional. É por meio do trabalho que o indivíduo molda a sua identidade, ao se ver como um igual, entre seus pares, mas também como diferente entre eles (CIAMPA *apud* VITÓRIA, 2015, p. 195).

Como se constrói esta identidade profissional? Conforme Marcelo (2009, p. 112) ela é um misto entre a própria imagem profissional do professor e aquela diversidade de papéis que ele sente que precisa desempenhar. É, pois, na própria docência, no preparar, no ensinar, é na sala de aula que vamos aprendendo e forjando nossa identidade docente (ARROYO, 2013, p. 24).

Parece-nos, então, de grande importância para o professor de filosofia pensar a sua própria prática, qual o sentido do que ele mesmo ensina, pois, o seu saber influi diretamente na constituição de sua identidade (TARDIF, 2011, p. 11). Segundo Cerletti (2008, p. 40), esta é a primeira questão que deve responder o professor de filosofia, a saber: o que significa para ele ensiná-la?

## **2. Convite à autonomia**

Ao falarmos de convite, lembramos aqui na tradição filosófica a figura de Sócrates. Nele podemos ver alguém – não obstante as críticas que o acusam de soberba e prepotência – que convida seus interlocutores ao pensamento, que não lhes oferece nada pronto, mas que instiga, questiona, a fim de que se produza algo.

Como nos afirma Cerletti (2008, p. 41), o convite ao pensar é o que caracteriza o ensino de filosofia. Aqui podemos pensar numa categoria identitária do docente de filosofia, como alguém que convida seus alunos à atividade do pensamento. Em Sócrates, para quem o filosofar consistiria em romper com a opinião e as crenças recebidas, encontramos uma referência para aquele que deseja ensinar a filosofar.

Se, então, o professor de filosofia é aquele que convida ao pensar, podemos questionar que pensar é esse? Ora, as outras disciplinas não poderiam também exercer essa tarefa? Há uma especificidade no pensar ao qual a filosofia convida. Trata-se de um pensar por si mesmo, pensar de forma autônoma, com abrangência, de modo profundo e claro (ASPIS; GALLO, 2009, p. 14).

Ao trazermos aqui o conceito de autonomia, convidamos Kant para a nossa discussão. Autonomia aqui possui uma estreita relação com o esclarecimento. E o que seria o esclarecimento?

O Esclarecimento é a saída do homem da condição de menoridade autoimposta. Menoridade é a incapacidade de servir-se de seu entendimento sem a orientação de um outro. Esta menoridade é autoimposta quando a causa da mesma reside na carência não de entendimento, mas de decisão e coragem em fazer uso de seu próprio entendimento sem a orientação alheia (KANT, 2007, p. 95).

O professor de filosofia, então, é aquele que abre as possibilidades (convite) para que seus alunos sejam capazes de servir-se do próprio entendimento (autonomia da razão) a ponto de libertarem-se dos jugos alheios. Uma tarefa árdua, sem dúvida, pois no cenário de uma

educação massificada, podemos cair no risco de oferecer um ensino sem sentido algum para os jovens, um ensino puramente enciclopédico.

### 3. Atitudes identitárias do professor de Filosofia

Tendo estas atitudes elencadas acima como introdução, do professor que convida por meio de questionamentos seus alunos à atividade do pensamento, propomos agora discutir algumas outras atitudes que encontramos em nossa leitura de alguns especialistas do ensino de Filosofia em nosso país.

A primeira atitude é a de decidir-se por uma concepção do que é Filosofia. Como afirmado anteriormente, o conhecimento, o saber, aquilo que se ensina é elemento constituinte da identidade docente. Assim confluem o pensamento de Cerletti (2008, p. 40) e Favoretto (2008, p. 48), Danelon (2010, p. 187) ao concordarem que esta questão da definição do que é filosofia é o passo fundante para se ensiná-la. A definição desta questão se faz necessária para que se tenha clareza do que e do como se vai trabalhar em sala de aula.

De igual maneira, as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio - OCEM* (BRASIL, 2006, p. 18) apontam que mesmo devendo-se considerar a diversidade no ensino, não se pode desconsiderar que o professor tem suas posições, as quais ele pode defender. Trata-se, além do mais, de uma condição de honestidade intelectual. O que exige ainda, um sério cuidado para se evitar qualquer doutrinação.

Tendo resolvida esta questão, acreditamos que uma outra atitude identitária do professor de filosofia é a de reconhecer-se como filósofo. Não apenas reconhecer-se, mas ser, de fato um filósofo. Defendemos aqui a posição segundo a qual é impossível admitir um professor que não seja filósofo. Ora, como poderá este levar seus alunos ao processo do filosofar se ele mesmo não o faz (GALLO, 2010, p. 163). Na mesma linha conflui o pensamento de Cerletti (2008, p. 39) e de Obiols (2002, p. 13). Assim nos afirma este último: “o professor de filosofia não é um técnico, mas um pesquisador e um produtor de saber em sua disciplina, em suma, um filósofo”.

Precisamos, então, superar esta dicotomia presente em muitos cursos universitários de formação de professores de filosofia, os quais não reconhecem o licenciando como um filósofo em formação, mas sim, como um professor de filosofia, como se este fosse ser apenas um transmissor de saberes produzidos e acumulados, o que descaracterizaria o ensino de filosofia.

Entretanto, para que este se assuma como filósofo, para que a aula de filosofia seja realmente filosófica, é indispensável uma outra atitude identitária, a qual diz respeito justamente a sua formação específica. Ceppas (2010, p. 178), por exemplo, defende que

o professor de filosofia do Ensino Médio precisaria ter uma cultura filosófica tão vasta quanto a do bacharel, do mestre e do doutor, na medida em que precisa trabalhar com precisão as mais diversas referências da história da filosofia, e reagir com rapidez às mais diversas reações dos alunos (p. 178).

Sem essa formação sólida e vasta, o ensino de Filosofia corre o sério risco de descaracteriza-se, de ser apenas um desfile de conceitos produzidos por outros e sem sentido algum para os alunos. As *OCEM* nos dizem o seguinte a este respeito:

a falta de formação específica pode reduzir o tratamento dos temas filosóficos a um arsenal de lugares-comuns, a um pretense aprendizado direto do filosofar que encobre, em verdade, bem intencionadas ou meramente demagógicas “práticas de ensino espontaneístas e muito pouco rigorosas, que acabam conduzindo à descaracterização tanto da Filosofia quanto da educação” (BRASIL, 2006, p. 36).

Em outro lugar essas mesmas orientações afirmam que não basta o talento do professor, a formação específica, adequada e contínua é condição necessária para que possamos ter um ensino verdadeiramente filosófico.

Sendo assim, porque isto não é oficialmente reconhecido? Por que ainda insistem em atribuir para quaisquer um a função de ensinar Filosofia? Aqui recorro um processo seletivo realizado pela Secretária de Educação do Estado de Alagoas, com o objetivo de contratar professores para a disciplina de ética, no programa PRONATEC. Segundo o edital do certame, admitia-se para a função aqueles formados em pedagogia, ciências sociais e até mesmo psicologia, porém, não havia lugar para os filósofos. A cultura filosófica e sólida formação não será mais adequada para se encontrar naquele que tem uma formação específica para tanto?

Poderíamos ainda questionar, diante do que aqui expomos, se não seria essa descaracterização do ensino de Filosofia uma das justificativas, por mais enganosas que sejam, para sua retirada dos currículos do Ensino Médio? Estamos vivendo tempos ameaçadores para o futuro desta disciplina nesta etapa específica da educação básica. Conforme Obiols (2002, p. 36) “cada reforma nos currículos pode deixá-la de fora, ante as pressões e exigências de uma educação que privilegie a capacitação técnico-científica dos alunos”.

Deste modo, “mais do que nunca precisamos da Filosofia no espaço escolar, para orientar nossas ações e ideias como forma de manter-nos alertas sobre as amarras da ideologia,

as quais facilmente nos aprisionam, aniquilam a crítica e cooptam a ação política” (GHEDIN, 2009, p. 227). Vivemos em tempos de propostas conservadoras que tentam reduzir a identidade docente a meros transmissores de conteúdos, daqueles postos nos currículos oficiais (ARROYO, 2013, p. 31). Diante disso é mais do que urgente pôr em questão a identidade docente, como nos vemos enquanto professores de filosofia, como somos vistos, como nos constituímos e nos entendemos enquanto tal.

#### **4. Considerações finais**

Como nos foi possível refletir, vimos que a identidade é algo que permanece em constante construção. Daquilo que entendemos por identidade, nos é possível pluralizá-la, o que nos pede especificar de qual identidade tratamos, de modo específico em nosso trabalho, da identidade profissional. Nossa atividade docente, o que fazemos, o que ensinamos, como fazemos, como ensinamos são de suma importância na constituição de nossas identidades.

Ao tratarmos mais especificamente o professor de filosofia, encontramos algumas atitudes identitárias necessárias aquele que se propõe a atividade de ensinar filosofia. Em Sócrates e em Kant nos é apresentado a atitude do professor como aquele que convida seus alunos ao filosofar, tendo como objetivo uma autonomia da razão, a saída da menoridade, até que o professor possa deixar que seus alunos caminhem por si mesmos.

Ademais, apresentamos aqui outras atitudes identitárias que acreditamos não menos importantes, como aquela na qual o professor decide-se por uma concepção de filosofia que norteará o seu trabalho docente. Em seguida, uma outra atitude na qual ele se assume como filósofo. O que nos leva a uma quarta atitude, a qual diz respeito a sua formação específica. Uma sólida formação em Filosofia.

Em tempos de ameaças constantes para a retirada da Filosofia da formação de tantos jovens e adolescentes, no currículo da educação básica, por em questão a identidade desse professor, bem como o ensino de Filosofia, torna-se questão mister para a própria Filosofia. Esta, mais que uma questão pedagógica, é uma questão filosófica, uma vez que o responsável por este ensino é o filósofo.

Portanto, esperamos que estas considerações acerca deste ensino possam abrir caminhos para um diálogo honesto e profícuo sobre questões relacionadas ao ensino de Filosofia, principalmente nos cursos de licenciatura em Filosofia. Não percamos tempo com dicotomias que em nada contribuem para o enriquecimento de nossa área de conhecimento,



mas, numa atitude de ousadia filosófica, ousemos refletir sobre esta atividade tão necessária em nossos dias.

## REFERÊNCIAS:

- ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. 5ed. Petrópolis: Vozes, 2013
- ASPIS, Renata Lima; GALLO, Silvio. **Ensinar filosofia: um livro para professores**. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. v. 3. Ciências Humanas e suas tecnologias. Brasília, DF, 2006.
- CEPPAS, Felipe. “Anotações sobre a história do ensino de filosofia no Brasil”. In: CORNELLI, Gabriele; CARVALHO, Marcelo; DANELON, Márcio (orgs.). **Filosofia: ensino médio**. (Col. Explorando o Ensino; v. 14). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.
- CERLETTI, Alejandro A. “Ensinar Filosofia: da pergunta filosófica à proposta metodológica”. In: KOHAN, Walter O. (org.). **Filosofia: caminhos para seu ensino**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- DANELON, Márcio. “Em torno da especificidade da filosofia: uma leitura das Orientações Curriculares Nacionais de filosofia para o Ensino Médio”. In: CORNELLI, Gabriele; CARVALHO, Marcelo; DANELON, Márcio (orgs.). **Filosofia: ensino médio**. (Col. Explorando o Ensino; v. 14). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.
- FARIA, Ederson de; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. São Paulo, v. 15, n. 1, p. 35 – 42, jan./jun. 2011.
- FAVORETTO, Celso. “Filosofia, ensino e cultura”. In: KOHAN, Walter O. (org.). **Filosofia: caminhos para seu ensino**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- GHEDIN, Evandro. **Ensino de Filosofia no Ensino Médio**. 2ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- MARCELO, Carlos. A identidade docente: constantes e desafios. **Formação docente**. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 109 – 131, ago./dez. 2009.

OBIOLS, Guillermo. **Uma introdução ao ensino da filosofia**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

PROENÇA, Maria Gladis Sartori; TENO, Neide Araújo Castilho. Algumas aproximações: compreendendo o conceito de identidade. **Educação e Fronteiras On-Line**. Dourados, v. 1, n. 3, p. 132 – 145, set./dez. 2011.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e a formação profissional**. 12ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VITÓRIA, Leandra Moreira Gomes. A formação da identidade docente. **Anuário de produções acadêmico-científicas dos discentes da faculdade Araguaia**. Araguaia, v. 3, p. 188 – 211, 2015.